



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE A DISTÂNCIA**

MARILENE SILVA DE SOUSA SANTOS

**AVALIAÇÃO SOBRE O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS
CRECHES E ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PIANCÓ**

**ITAPORANGA - PB
2014**

MARILENE SILVA DE SOUSA SANTOS

AVALIAÇÃO SOBRE O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS CRECHES E
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PIANCÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia. Orientador: Prof. MSc. Alessandra Nóbrega

ITAPORANGA - PB
2014

S237a Santos, Marilene Silva de Sousa.

Avaliação sobre o uso de contação de histórias nas creches e escolas do município de Piancó / Marilene Silva de Sousa Santos. – João Pessoa: UFPB, 2014.
41f.

Orientador: Alessandra Nóbrega
Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância)
– UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Contação de história. 3. Escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

MARILENE SILVA DE SOUSA SANTOS

AVALIAÇÃO SOBRE O USO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NAS CRECHES E
ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE PIANCÓ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro
de Educação da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito institucional para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 11/12/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Alessandra Fernandes Nóbrega

Prof. Orientador

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Cristiane Souza de Assis

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof. Nádia Jane de Sousa

Prof. Convidado

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Aos meus filhos Layrtha, Lisandra e Jessé,
e ao meu esposo José Airton.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que proporcionou todas as oportunidades e instrumentos para que o caminho percorrido até aqui fosse logrado com êxito, sendo meu guia e suporte em todos os momentos da minha vida.

À minha família, que sempre esteve presente nas minhas conquistas, mas também nos anseios e dificuldades que vivenciei nesses quatro anos de curso.

Aos meus amigos, pessoas fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha orientadora, Alessandra Nóbrega, exemplo de profissional, agradeço pelos ensinamentos e pela atenção oferecida no pouco tempo que lhe coube para a elaboração deste trabalho. Muito obrigada!

A todos os professores, pelos conhecimentos transmitidos ao longo dessa trajetória.

Àqueles que, a sua maneira, contribuíram para que este trabalho pudesse ser concluído e atingisse o objetivo proposto.

A todos, meus sinceros agradecimentos!

E guardemos a certeza pelas próprias dificuldades superadas, que não há mal que dure para sempre.

Chico Xavier

RESUMO

A contação de histórias no âmbito escolar é uma estratégia pedagógica essencial ao desenvolvimento das linguagens oral e escrita. É, portanto, um artifício necessário na prática de ensino de professores voltados à educação infantil. Essa estratégia pedagógica se faz necessária porque, durante esse momento de interatividade, a criança passa a despertar emoções. Objetivou-se, portanto, analisar o uso da contação de história por professores de creches do ensino infantil do município de Piancó, avaliando especificamente, a importância que estes educadores atribuem à contação de histórias infantis em sala de aula. Essa pesquisa se justificou na necessidade de avaliar as formas de uso da contação de histórias por professores do ensino infantil, tendo como enfoque as creches, já que os educadores, de acordo com suas experiências cotidianas, por sucessivas vezes, relataram possuir uma maior dificuldade em transmitir conhecimentos aos seus alunos durante esse período de aprendizagem. É um trabalho importante, pois através dessa estratégia de ensino, é possível desenvolver várias potencialidades na criança, dentre elas, a imaginação e o gosto pelo saber. Os procedimentos metodológicos adotados foram a realização de uma entrevista aberta, aplicada aos educadores responsáveis pelas turmas do Pré I e Pré II, no turno da manhã. Diante da pesquisa feita foi percebida a existência e a preocupação das professoras em relação a decodificar o conhecimento e conseqüentemente criar ambientes mais produtivos e equilibrados para o desenvolvimento desta tarefa, que é a contação de história.

PALAVRAS-CHAVE: educação, contação de história, educação infantil

ABSTRACT

The storytelling in schools is an essential pedagogical strategy for the development of oral and written languages. It is therefore a necessary device in the practice of school teachers focused on early childhood education. This pedagogical strategy is necessary because, during this time of interactivity, the child begins to arouse emotions. The objective is therefore to analyze the use of storytelling by teachers of kindergartens of kindergarten in the city of Piencó, evaluating specifically the importance that they attach to teachers telling children's stories in class. This research was justified on the need to assess the ways of telling stories by the use of kindergarten teachers, focusing nurseries, as educators, according to their everyday experiences, by successive times, reported having greater difficulty transmit knowledge to their students during this learning period. It is an important work because through this teaching strategy, you can develop several potential in children, among them, the imagination and the taste for knowledge. The adopted methodological procedures were conducting an open interview, applied to educators responsible for the classes I Pre and Pre II, in the morning shift. Given the research done was perceived the existence and the concern of teachers in relation to decode the knowledge and thus create more productive environments and balanced for the development of this task, which is the storytelling.

Keywords: education, teacher; storytelling, early childhood education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONCEITUANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	13
2. A PROPOSTA DE LEITURA SEGUNDO O RCNEI	18
3. A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM UMA CRECHE NA CIDADE DE PIANCÓ, PB	26
3.1 Caracterizando a pesquisa	26
3.1.1. Lócus de Pesquisa.....	26
3.1.2. Amostra.....	26
3.1.3. Coleta de Dados	27
3.2 Professoras que contam histórias	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38
ANEXOS	39

INTRODUÇÃO

A contação de histórias no âmbito escolar é uma estratégia pedagógica essencial ao desenvolvimento das linguagens oral e escrita. É um artifício necessário na prática de ensino de professores voltados à educação infantil. Essa estratégia pedagógica é importante porque, durante esse momento de interatividade, a criança passa a despertar emoções.

Como afirmam Silva, Lima e Afonso (2011), tais emoções possibilitam que a imaginação aflore a capacidade de resolução de problemas, permitindo ainda o estímulo à criação de ideias, de música, do pensar, do brincar, instigando também o desejo de ouvir novamente.

Mediante as dificuldades de aprendizagem e compreensão apresentadas por alunos da pré-escola, percebe-se a necessidade de avaliar o uso da contação de histórias em sala de aula pelos professores da educação infantil. Sendo esta a primeira etapa da vida escolar das crianças, é possível construir com práticas pedagógicas adequadas, a sensibilidade das crianças e permitir o desenvolvimento de diferentes habilidades cognitivas, através da contação de histórias.

A contação de histórias constitui-se como uma estratégia pedagógica que facilita e estimula o processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma esse recurso permite que o aluno enriqueça seu acervo de emoções e de símbolos representativos das relações sociais, facilitando o enfrentamento de diferentes momentos de sua vida cotidiana. Nesse sentido, é importante avaliar como se dá a utilização da contação de histórias por professores do ensino infantil, devido à necessidade de sua usabilidade durante o desenvolvimento cognitivo da criança.

Essa pesquisa se justifica, então, pela necessidade de avaliar as formas de uso da contação de histórias por professores do ensino infantil, tendo como enfoque as creches. O fato de, no ensino infantil o público ser de crianças pequenas, que ainda estão conquistando sua autonomia e consciência de si próprias como seres únicos no mundo, acrescenta uma complexidade ao trabalho do professor, uma vez que devem compreender as limitações e as possibilidades de desenvolvimento de seus alunos. Nessa fase, a criança está em um franco processo de descoberta do mundo que a rodeia e de si própria. Portanto, as aulas devem comportar tanto

momentos de reflexão, como de grande dinamismo permitindo à criança a possibilidade de reinvenção diante das situações que lhe são propostas.

Este trabalho é ainda justificado, pelo fato de que a contação de histórias ser considerada uma estratégia pedagógica eficiente e que auxilia fundamentalmente no processo de ensino-aprendizagem. Assim, com as dificuldades apresentadas e amplamente relatadas pelos educadores, faz-se necessário verificar o modo pelo qual a contação de histórias é utilizada e a importância a ela atribuída pelos professores da educação infantil.

Nosso trabalho apresenta-se subdividido em três capítulos, no primeiro fazemos um debate acerca da importância em utilizar a contação de histórias na Educação e, especificamente, no ensino infantil. No segundo capítulo, buscamos compreender como O Referencial Curricular Nacional para o Ensino Infantil, RCNEI (BRASIL, 1998), aborda essa temática, e quais as orientações metodológicas que traz sobre o tema. Por fim, no terceiro capítulo, apresentamos as experiências de professoras atuantes no ensino infantil, no município de Piancó, município do sertão paraibano.

Nosso trabalho possui um caráter exploratório, consistindo em uma pesquisa de cunho analítico-descritiva, uma vez que buscaremos confrontar as experiências expressas pelas professoras com os debates acadêmicos sobre o tema. A fim de coletarmos dados referentes às experiências das professoras, aplicamos um questionário semi-estruturado junto a três professoras da rede pública municipal de Piancó. Por ser um trabalho de cunho qualitativo, reafirmamos a pontualidade de nossas considerações. Elas correspondem a uma realidade específica, vivenciada por professores que têm sua história de vida e de trabalho historicamente delineadas, mas que também trazem à tona um conjunto de observações presentes em outras realidades pertencentes ao sistema de ensino brasileiro.

Esse trabalho questiona a usabilidade da contação de histórias pelos educadores infantis em creches do município de Piancó. Objetiva-se, portanto, analisar o uso da contação de história por professores de creches do ensino infantil, avaliando especificamente, a importância que estes educadores atribuem à contação de histórias infantis em sala de aula. É um trabalho importante, pois através dessa

estratégia de ensino, é possível desenvolverem várias potencialidades na criança, dentre elas, a imaginação e o gosto pelo saber.

1. Conceituando a Contação de Histórias na Educação Infantil

A contação de história pode ser considerada um gênero singular literário de caráter narrativo representado por ideias e valores destinados às crianças. Trata-se, sobretudo, de uma estratégia pedagógica utilizada pelas ciências da educação como uma condição de suma importância na formação do sujeito cognitivo. Essa atividade pedagógica é fundamentalmente uma ação caracterizada pela capacidade artística e de comunicação do contador, sendo assim, é uma maneira eficaz de inserção da criança no contexto de uma cultura letrada, baseada na escrita como forma de registrar a história (ARBOLEYA; BRINGMANN, 2008).

De acordo com os autores supracitados, as histórias infantis permitem às crianças um contato com os conhecimentos previamente acumulados e com a oralidade de um povo. A contação de histórias estimula, essencialmente, a curiosidade das crianças nesse período de aprendizagem, pois essas passam a sentir-se mais confortáveis em indagar sobre as mais variadas questões, além de se sentirem capazes de criar uma nova história (ARBOLEYA; BRINGMANN, 2008).

Nesse contexto de aprendizagem, Arboleya e Bringmann (2008) ainda afirmam que a imitação é uma etapa valiosa no processo de aprimoramento cognitivo e motor das crianças, sendo ainda uma fase de significativas descobertas. A criança passa a entender sua relação com o meio social, já que o amadurecimento do raciocínio lógico e da imaginação seguem juntos. Este fato põe o educador frente à necessidade de tornar-se um agente crítico-reflexivo. Dessa forma, a contação de histórias é para o educador e para o aluno, uma alternativa pedagógica que viabiliza o desenvolvimento da imaginação.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 1999, p. 117-118).

Vygotsky (1999) afirma que o processo de aprendizagem possibilita a progressão de diversos avanços individuais na criança, podendo-se destacar a criação de ideias, do pensar, do agir, instigando na criança o desenvolvimento da imaginação e o gosto pelo saber. Nesse contexto de aprendizagem, pode-se inserir a utilização da contação de histórias no ensino infantil. Essa estratégia de ensino, uma vez instituída, permite uma maior internalização de conhecimentos, propiciando o desenvolvimento cognitivo e independente da criança.

Segundo Regatieri (2008), o ato de contar histórias é uma estratégia importante ao educador, pois possibilita um contato inicial com os livros de maneira mais suave, por meio do imaginário e do uso da fantasia. O educador é o maior responsável por procurar estratégias narrativas diversificadas, a fim de facilitar a familiarização do aluno com os livros. Mas também deve permitir que o aluno se aproprie das histórias, criando suas narrativas baseado naquilo que ouviu. Esse recontar a história ouvida fortalece os mecanismos de comunicação da criança e facilita tanto o contato com suas emoções quanto com a realidade que o cerca.

Quando se trabalha com crianças, o ideal é que, inicialmente, faça uso de uma estratégia pedagógica para transmitir ideias e conhecimentos através da contação de histórias, pois se mostra uma forma eficaz de aprendizado e mais agradável à criança. Nessa dinâmica de aprendizagem, a criança consegue envolver-se de maneira mais fácil, devido à assimilação das ideias e dos fatos. Todavia, é necessário apresentar o livro aos alunos logo que terminada a contação, já que é preciso que eles entendam a origem desses relatos, viabilizando o interesse pela busca de outras histórias e de novos livros (REGATIERI, 2008).

A atenção atribuída pelos educadores à contação de histórias é importante para que possa haver o resgate da cultura escolar de contar histórias como uma estratégia de ensino, visto que esta alternativa se mostra eficaz para a formação da criança. Nesse contexto, destaca-se a escola construtivista, em que a criança passa a ser um sujeito ativo e participante do seu processo de aprendizagem e enriquecimento cultural (LOTICI; CASTELA, 2010).

Uma das maiores dificuldades encontradas nas escolas está em despertar na criança a curiosidade pela literatura desde a educação infantil, já que existe um desinteresse por parte dos educandos e da família pela literatura. Vários são os

motivos que separam a criança deste universo, dentre os quais encontram-se a falta de incentivo dos pais, os diversos atrativos tecnológicos existentes atualmente e as técnicas de ensino empregadas. É interessante para a criança da educação infantil ter o contato inicial com os livros desde cedo. Para que isso seja possível, o educador precisa gostar de ler, contar histórias em sala de aula, desenvolvendo na criança o gosto por essa prática (LOTICI; CASTELA, 2010).

É importante ainda não afastar o aluno do livro infantil, ele é necessário para a formação da criança, suas histórias podem ser contadas às crianças mesmo que estas ainda não sejam alfabetizadas. As histórias contadas são utilizadas também para debates de opiniões que eles proporcionam e mesmo pelos jogos que estimulam o gosto e o hábito de ler. Dramatizações e cantos podem ser associados às histórias, estimulando ainda mais a criatividade e a imaginação das crianças (LOTICI; CASTELA, 2010).

Muitas vezes, o primeiro contato que as pessoas têm em sua infância com a literatura se dá por meio dos contos infantis, que podem ser lidos pelos educadores, transmitidos assim através da oralidade como se fazia antigamente. A partir desse contato, o interesse pela leitura pode ser despertado. Na atualidade o professor pode tanto recorrer aos contos clássicos que são amplamente conhecidos, como também pode se servir de contos da cultura popular local, do folclore brasileiro que é muito rico, ou de lendas indígenas, fazendo uma relação da escola com a vivência cultural que os alunos têm em casa e na sua comunidade (LOTICI; CASTELA, 2010).

Existem vários tópicos em relação à contação de história como instrumento de ensino-aprendizagem e dificuldades encontradas pelos professores. Contar história na pré-escola é uma atividade constante, mas à medida que a criança cresce, parece que a atividade passa a ser menos importante. Considera-se importante a interação da linguagem, que cumpre afirmar que a contação de história permite que a desenvolvida sugestão da criança se processe na interação realizada no espaço da sala de aula (SEIDEL, 2007).

Os primeiros acalantos realizados pelos pais para ninar seus filhos já constituem no início de sua entrada no universo das narrativas. A narrativa chega através da leitura da cantiga, música favorita que os pais cantam, através da

conversa do adulto com a criança. Isso contribui para seu desenvolvimento cognitivo, de forma geral para seu crescimento. A intensidade do contato da criança com a linguagem, mesmo sendo diferente fará com que a criança tenha contato com a narrativa. É através da narrativa que se entendem as ações dos outros (SEIDEL, 2007).

A contação de histórias para as crianças têm uma importância particular para o desenvolvimento do vocabulário, para a compreensão de conceitos e também para o conhecimento da linguagem escrita. Esta atividade permite o contato com a linguagem de uma forma viva e a criança passa a reconhecer a linguagem oral como forma de chegar à escrita. As crianças devem ser acostumadas a ouvir histórias desde cedo. A leitura em voz alta contribui positivamente sobre o desenvolvimento de aspectos não linguísticos, como conceitos relacionados ao material impresso e ativo sobre as motivações para a literatura (SEIDEL, 2007).

Três pontos importantes são destacados na prática de contação de histórias: a voz, presença e imaginação. Considera-se o aspecto da voz que tem o poder de criar um vínculo afetivo. Assim, o momento da contação, quando a professora organiza as crianças, prepara o grupo, senta-se com eles, aproxima-se e aconchega-se, estará promovendo uma interação muito mais abrangente, que extrapola o plano verbal. A contação de histórias sem o apoio do livro oportuniza mais uma interação lúdica, possibilidades expressivas e qualidade melódica. Outro ponto relevante é a apropriação da história por quem vai contá-la. Quando o texto é memorizado cena por cena, ele dá chance de adquirir a expressão de quem conta com a voz, a respiração e os tons (SEIDEL, 2007).

Ao destacar o papel do professor na contação de histórias, enfatiza-se o quanto é relevante sua informação e o desenvolvimento de habilidades para essa contação, visto que cabe a ele proporcionar às crianças oportunidades para desenvolver a imaginação, enriquecer o vocabulário e atender suas expectativas à medida que entra no universo fantasioso das ideias infantis. O professor deve conhecer as características do contador de histórias para que possa treinar e aprimorar-se quando as características não lhe forem naturais (SEIDEL, 2007).

Percebe-se assim, que há muitos professores que possuem receio do ato de contar histórias. É possível que este receio seja superado através de técnicas e

aprimoramentos, tais como: sentir; viver a história; ter expressão viva e ardente; narrar com naturalidade; conhecer com absoluta segurança o enredo; dominar o auditório; contar dramaticamente; falar com voz adequada; evitar corrigir defeitos de dicção; emocionar-se com a própria narrativa; e cometer gestos (SEIDEL, 2007).

2. A proposta de leitura segundo o RCNEI

O RCNEI é um documento que foi elaborado pelo Ministério da Educação em 1998 com o objetivo de auxiliar o professor de educação infantil no trabalho educativo diário junto às crianças pequenas, servindo de base para as discussões entre profissionais da área em todo o país (SILVA; FRANCISCHINI, 2007).

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), as variadas instituições de ensino veem a linguagem e a forma como as crianças aprendem, de maneiras bem distintas. Algumas práticas levam em conta a aprendizagem da linguagem oral como um processo natural, que acontece devido ao amadurecimento biológico; dispensa-se neste caso o planejamento de ações educativas voltadas à aprendizagem. Já em outras práticas, é preciso que haja a influência direta do adulto no aprendizado da criança.

A linguagem oral é um meio utilizado para se comunicar, brincar, expressar ideias e sentimentos, sendo uma forma de relatar as mais variadas experiências cotidianas. É utilizada ainda para fazer questionamentos e dar respostas mediante os contextos que estão inseridos, envolvendo ocasiões que requerem explicações e argumentação de ideias. Utiliza-se também a linguagem oral para narração de fatos, para recontar histórias, com ou sem o auxílio do professor e para reprodução oral de parlendas, poemas, canções, etc. (BRASIL, 1998).

O RCNEI (BRASIL, 1998), afirma que as habilidades necessárias para o desenvolvimento da criança, resultam do amadurecimento biológico, sendo preciso uma mínima influência externa. Mas há também outra linha de raciocínio que defende a existência de requisitos relativos à memória auditiva, ao ritmo e à discriminação visual que devem ser aprimorados para permitir o desenvolvimento cognitivo das crianças.

O aumento da capacidade dos alunos da educação infantil em fazer uso da fala nas mais variadas situações e de maneira mais concisa se dá na proporção em que as crianças passam a desfrutar de vivências diversificadas, que abrangem vários usos da linguagem oral. Assim, inserir a linguagem oral como conteúdo programático requer também um planejamento pedagógico, a fim de propiciar exercícios da fala e de entendimento da linguagem. Além das situações de

conversa, a utilização do canto, da música e da escuta de histórias, a partir da contação de histórias, também viabilizam o uso da oralidade (BRASIL, 1998).

O uso da linguagem oral como forma de expressão e a exploração de materiais didáticos são vistos como ações prioritárias para as crianças de zero a três anos. É necessário que estas crianças comuniquem-se através da conversa e interajam de forma verbal, ouçam histórias contadas ou lidas pelo educador em sala de aula e tenham contato com os mais variados materiais escritos, a exemplo, encontram-se os livros, revistas, embalagens etc. É comum que as crianças nessa faixa etária peçam ao professor a leitura de histórias, solicitam também ver livros mesmo não sabendo ler, no intuito apenas de manusear e folhear, imitando práticas de leitura. Nessas situações, o professor pode observar se a criança faz uso de gestos, expressões e palavras para transmitir seus pensamentos; se possui um novo repertório de palavras e frases para fazer perguntas ou pedir algo; e se consegue ouvir histórias e relatos com atenção (BRASIL, 1998).

A sonorização de histórias faz parte de uma didática importante para o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem da criança durante a educação infantil. Para que isso seja possível, as crianças necessitam trabalhar a percepção auditiva, sabendo discriminar e classificar os sons. Livros de histórias que contêm apenas imagens se mostram bastante interessantes para essa finalidade. Desta forma, depois de definir os materiais, a parte de interpretação poderá ser feita pelas imagens presentes no livro. Os contos de fadas e as produções em grupo são considerados bons aparatos para o desenvolvimento dessa atividade em sala de aula. O educador juntamente aos alunos definirão as atividades a ser executadas, de forma que as tornem as mais prazerosas possíveis (BRASIL, 1998).

Estudos são realizados por pesquisadores da área de educação infantil, a fim de analisar as produções das crianças e as práticas correntes em sala de aula. Essas pesquisas mostram o surgimento de novas direções referentes ao processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração a perspectiva da criança que aprende. Houve uma transformação significativa no modo de compreensão e da forma como as crianças aprendem, pois estas passaram a ser ativas na construção de conhecimentos, deixando para trás o modo passivo de receber informações (BRASIL, 1998).

Trabalhar com crianças da educação infantil requer do educador uma maior atenção às suas falas e ações, pois é através deste meio que a criança consegue transmitir sua forma de pensar e interagir, mesmo que ainda não haja uma sequência lógica para tal. Nesse sentido, é papel do professor auxiliar seus alunos a externarem as associações presentes em suas falas, estimulando a comunicação, com o intuito de dar continuidade às conversas e interações (BRASIL, 1998).

O RCNEI (BRASIL, 1998) afirma que os professores de educação infantil podem organizar suas práticas de ensino de forma que o desenvolvimento das crianças compreenda as seguintes capacidades: participação em diversas situações de comunicação oral, interação e expressão de desejos, necessidades e sentimentos através da linguagem oral; interesse pela contação de histórias; familiarização com a escrita através de situações cotidianas que faça uso de livros, histórias em quadrinhos etc.

A conversa é uma forma de propiciar a ampliação do universo discursivo das crianças. Para isso pode-se organizar situações para tal finalidade, a exemplo, encontra-se a roda de conversa. Os professores podem fazer rodas de conversa para discutir sobre assuntos específicos, que cotidianamente precisem de maior atenção ou conversar sobre os mais variados assuntos, como um filme assistido, sobre uma história contada, até mesmo sobre um acontecimento familiar (BRASIL, 1998).

A roda de conversa é considerada pelos educadores um momento muito importante para o diálogo e interposição de ideias em sala de aula, pois as crianças se permitem ampliar suas capacidades de comunicação, através da fala, das perguntas, das exposições de ideias e pensamentos. Ao mesmo tempo conseguem ampliar seu vocabulário e aprendem a reconhecer o grupo no qual está inserido. Durante a roda de conversa é possível descrever fatos e ações, estimulando uma maior proximidade com os aspectos linguísticos por meio da contação de histórias, do canto, das poesias, parlendas e textos com brincadeiras destinadas a esta fase de aprendizagem (BRASIL, 1998).

O aumento da capacidade das crianças de usar a fala de maneira cada vez mais firme em diversas situações acontece a partir das experiências vividas, que abrangem os mais variados usos da linguagem oral. Assim, escolher a linguagem

oral como uma forma de conteúdo requer uma estratégia pedagógica que propicie situações de fala, escuta e compreensão da linguagem. Dentro deste contexto, a contação de histórias estimula o desenvolvimento da oralidade, e a leitura feita pelo professor encaminha as crianças ao aprimoramento da oralidade e da escrita (BRASIL, 1998).

Quanto às práticas de oralidade na educação infantil, o professor pode avaliar se os alunos estão conseguindo desenvolver seu vocabulário através da incorporação de novas palavras e expressões, após a execução de atividades em sala de aula; e se conseguem distinguir quando o professor está lendo ou falando. Quanto às práticas de leitura, é importante perceber se as crianças pedem por conta própria a realização da leitura pelo professor; se buscam livros de histórias; se observam as ilustrações; se fazem comentários e indagações sobre o que ouviram; se compartilham suas ideias com os demais após a leitura; e se recomendam a seus amigos ouvir a história que foi contada (BRASIL, 1998).

O RCNEI (BRASIL, 1998) diz que o professor pode realizar previamente uma seleção da história a ser contada às crianças, pois independentemente da idade, a história contada cria nas crianças uma perspectiva de curiosidade pelo livro e pela escrita. A narrativa é vista pelos educadores como a porta de entrada para o universo da literatura. A criança consegue aprender a narrar a partir da contação de histórias, em que o professor permite a mudança dos indivíduos falantes, ajudando as crianças a descreverem suas histórias. Uma atividade que pode ser desempenhada com sucesso é a apresentação oral ao vivo, com textos previamente memorizados, pois nessa atividade, os alunos reproduzem os mais variados gêneros, como histórias, parlendas etc., envolvendo situações com o público, como sarau e recital na escola, contribuindo para o desenvolvimento cultural da criança.

Contudo, a forma de ordenar os conteúdos para o desenvolvimento do trabalho com as crianças precisa compreender as capacidades relativas às diferentes faixas etárias, levando-se em consideração também as culturas do país. Os conteúdos precisam privilegiar a progressão do poder expressivo, pois este fator permite as crianças agir sempre com maior intencionalidade, devendo ser ordenados de forma contínua, inter-relacionando diversas experiências. Os espaços, os materiais disponíveis e a utilização dos meios culturais presentes nas brincadeiras e

jogos, dentre outras atividades, são alguns dos aparatos precisos para que esse processo de desenvolvimento aconteça (BRASIL, 1998).

Ainda segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), a criança que ainda não aprendeu a ler de forma convencional pode fazê-lo através da escuta da leitura feita pelo educador, mesmo que esta não consiga entender todas as palavras. Dessa forma, ouvir um texto é considerado também um tipo de leitura. É fundamental a existência de acesso a esta prática através da leitura feita pelo professor, a partir dos mais variados materiais impressos, pois isso permite às crianças o contato direto com as práticas culturais direcionadas pela escrita.

O momento da contação de histórias é um horário importante para o aprendizado, já que a criança passa a conhecer as formas de vida, pensamento, ação e atribuição de valores às situações cotidianas. A partir desses fatores a criança pode assegurar relações com a sua maneira de pensar e de agir no grupo social ao qual esteja inserido (BRASIL, 1998).

Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), a boa literatura possibilita o acesso a uma informação cultural que instiga a imaginação. O intuito é fazer com que os alunos, desde o início de sua vida escolar, apreciem a hora de sentar, durante a roda de conversa, para ouvir a contação de histórias pelo professor. Este ambiente deve ser agradável e convidativo, a fim de despertar o interesse das crianças, fazendo com que elas observem o texto e as ilustrações durante a leitura da história. O educador e a família sabem o quanto as crianças apreciam ouvir uma mesma história inúmeras vezes, valorizando a riqueza de detalhes, exigindo a mesma sequência durante a contação, antecipando até as emoções que apresentou nas outras vezes. Esse fato mostra que a criança que ouve muitas histórias permite-se construir um saber sobre a linguagem escrita.

As instituições voltadas ao ensino infantil devem aproveitar as histórias que as crianças escutam em casa e nos demais ambientes, pois essas histórias se apresentam como uma vasta fonte de conhecimento sobre as variadas formas culturais de lidar com os sentimentos e com as situações éticas. As crianças participam da leitura feita pelo professor em sala de aula ou em outro ambiente propício, essencialmente nos momentos da história que se repetem, sendo então de fácil memorização. Recontar histórias é uma atividade que pode ser realizada pelas

crianças. Estas podem contar histórias que conhecem com o auxílio do educador, refazendo o texto original ao seu modo. Para que consigam desempenhar esta atividade, podem fazer uso de ilustrações e da versão original (BRASIL, 1998).

Assim, a contação de histórias é habitualmente uma atividade permanente nas instituições de ensino infantil. Além de contar, é preciso que haja a possibilidade de reconto das histórias pelos alunos. Outra atividade prática que costuma ser permanente nas instituições de ensino infantil é a roda de leitores, em que os alunos levam algum livro da instituição para que sejam lidos em casa pelos pais, tios ou avós, estimulando progressivamente a curiosidade pela leitura. Após isso, é marcado um dia para que os alunos possam falar o que acharam, refletir sobre a ideia do livro e contar um trecho da história a fim de entusiasmar as demais crianças, instigando ao mesmo tempo a curiosidade por esse livro (BRASIL, 1998).

É função do professor estabelecer situações para que as crianças entendam as ligações existentes entre a fala, a escrita e a imagem. O professor-educador conta a história, os alunos escutam veem as imagens e, após isso, se permite recontar a história ouvida, fazendo uso de expressões e palavras ditas pelo professor durante a contação. Desse modo, durante esse processo de aprendizagem, é interessante contar as histórias da mesma forma que estão escritas, atribuindo sucessão lógica à narrativa, permitindo ao mesmo tempo que a criança tenha a ideia de que ler representa uma impressão de significado ao texto e compreendê-lo (BRASIL, 1998).

O sucesso da contação de história foi conseguido, pois os alunos podem adquirir conhecimento em torno do significado de humildade, do diálogo e do respeito presente nos contos de fada. Os educandos levam essas noções para seus lares possibilitando uma melhor qualidade de vida para a família por meio de uma concepção existente entre a história do conto de fadas e a realidade do dia-a-dia. O início das narrativas dos contos de fadas começa sempre com algum fato marcante que prende a atenção das crianças, pois muitas dessas situações são vivenciadas por elas. A narrativa presente nos contos de fadas possui apoio em inúmeros personagens que povoam a mente e fazem a trama do imaginável infantil (LOTICI; CASTELA, 2010).

O gênero contos de fadas geralmente dá ao leitor um dilema que precisa ser enfrentado antes do final feliz. Esses dilemas são apresentados de forma simplificadas na narrativa, possibilitando que o leitor se identifique com a situação e também possa superá-la. A contação de história possibilita o dialogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites do nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa; é a casa de exploração a mais variada, quando não podemos viver realmente (LOTICI; CASTELA, 2010).

O professor é o mediador entre o incentivo à leitura de obras e os variados tipos de gêneros textuais. O professor também precisa gostar de ler, pois você não será respaldado de passar aquilo que você não quer fazer. Assim a escola é uma instituição de ensino e como tal não está isolada, aberta ao universo que o cerca, oferecendo aos educandos a devida promoção da interação. O problema com a formação dos leitores consiste no envolvimento do indivíduo com a leitura e, não apenas na disseminação de novos métodos de ensino. O primeiro a ser formado é o professor que deve ter mudança em sua concepção sobre a leitura (LOTICI; CASTELA, 2010).

Segundo Carvalho (1994), o bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre o bom leitor é formado na infância, antes mesmo de saber ler. Através de literatura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização. Por isso é importante para a criança o contato com os livros desde cedo, e, no início da alfabetização com variados tipos de texto, para compreender a leitura lida pelo professor e seus significados. As aulas de leituras devem ocupar um espaço prazeroso onde a criança seja estimulada a analisar e compreender as ideias dos autores dos textos lidos e interpretados pelo educador. Para tanto o professor precisa gostar de ler e ser um leitor competente para tornar a leitura significativa e atraente, despertando assim o interesse da criança e o gosto por essa prática.

Os contos de fadas são histórias maravilhosas que povoam o imaginário das crianças com ricas fantasias. A história contada ganha vida na imaginação fértil. Surge assim a grande fascinação exercida por este tipo gênero textual. Os contos de fadas encantam, comovem e educam indiretamente (CARVALHO, 1994).

Os contos despertam o prazer nas crianças. Neste tipo de narrativa, muitas situações são semelhantes entre si, tais como: os obstáculos que o mocinho ou a

mocinha deve superar, as rivalidades entre o bem e o mal, as perseguições, os disfarces usados e ainda, os dilemas que devem ser enfrentados antes do desfecho da história. O professor servirá de ponte para este conhecimento, mediante as possibilidades e hipóteses levantadas pelos educandos em relação aos personagens apresentados no texto. Desta forma o educador, ao preparar sua aula, pode partir inicialmente do conhecimento prévio que alunos possuem sobre o gênero narrativo – conto de fadas (BETTELHEIM, 1980).

3. A prática da contação de histórias em uma creche na cidade de Piancó, PB

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizado uma pesquisa de campo de base qualitativa, em que os meios procedimentais analíticos corresponderam ao instrumento utilizado através de entrevistas com questionários semi estruturados. Com essa técnica pudemos obter informações sobre as práticas das professoras entrevistadas sobre a contação de histórias em suas aulas.

3.1 Caracterizando a pesquisa

3.1.1. Locus de Pesquisa

As informações da pesquisa foram realizadas na E. M. E. I. E F. I e II, na Rua João Pereira Lima, S/N, no Bairro Alto Belo Horizonte, Piancó – P/B. O PPP (Projeto Político Pedagógico), segundo a gestora, também não se encontrava na escola. Esta escola possui uma sala que serve de diretoria e secretaria; dois banheiros, sendo um para as meninas e um para os meninos e não há banheiro para os funcionários; uma cozinha com uma pequena despensa dentro da própria cozinha; uma sala de informática. O horário de funcionamento é nos turnos da manhã e tarde, sendo: Maternal - 28 – Manhã; Pré - I – 25 alunos - Manhã; Pré – II – 25 alunos – Manhã. A escola tem uma gestora que está cursando Pedagogia e não tem vice-diretora; possui uma secretária e uma agente administrativa.

3.1.2. Amostra

Essa pesquisa foi realizada com duas professoras que atuam na Educação Infantil, nas turmas de Pré I e Pré II. Para preservar a identidade dessas professoras, iremos denominá-las por prof. 1 e prof. 2, ambas trabalham e tem uma grande experiência como pedagogas, trabalhando com a educação infantil há mais de 20 anos. Na creche que nos serviu de campo empírico, essas professoras atuam há cerca de 10 anos, atualmente trabalhando no turno da manhã, em turmas que atendem a crianças da mesma faixa etária, de 3 a 5 anos. Foram escolhidas para responderem ao questionário justamente por trabalharem em condições bastante

semelhantes, o que possibilitará elaborarmos um quadro comparativo entre as práticas dessas professoras.

3.1.3. Coleta de Dados

A coleta de dados ocorreu no período da manhã, durante o horário de aulas, sem que houvesse maior interferência na rotina escolar dos alunos. Foram entregues os documentos referentes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como o questionário para que as professoras pudessem ler e compreender do que se tratava a pesquisa. Também foram entregues à gestora escolar, o Ofício e o Termo de Autorização Institucional para serem assinados.

O questionário foi baseado nas teorias de Vygotsky (1999) e no RCNEI (BRASIL 1998) que defendem o uso da contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil. Este questionário foi composto então, por perguntas relativas ao tema, sendo entregue aos professores da instituição. Cabe-nos, então, fazer breves considerações acerca das experiências relatadas pelas professoras.

3.2 Professoras que contam histórias...

O uso da contação de história é considerado um dos principais instrumentos de aprendizagem escolar da Educação Infantil. É o meio mais eficaz de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade afetiva de socialização das crianças. Através dos contos as crianças entram em contato com o social em uma realidade mais ampla, não mais apenas com o limitado ambiente que o cerca no cotidiano. Passam a conhecer o mundo encantado do faz de conta, o mundo dos contos de fadas.

Os professores que valorizam e priorizam a contação de histórias e contos infantis para seus alunos relatam experiências muito ricas sobre o processo de ensino-aprendizagem e acabam, querendo estudar o cotidiano de uma creche, questionamos às duas professoras que trabalham na mesma instituição de ensino municipal sobre essa temática. Nosso questionário, embora curto se propôs a entender a concepção de educação dessas professoras, a importância da contação

de histórias em sua prática pedagógica, a frequência e atividades desenvolvidas a partir da contação de histórias.

Assim, cabe analisarmos as respostas das professoras aos questionamentos relacionados a essa atividade pedagógica. Nossa primeira pergunta referiu-se à concepção de educação que a professora possui. Essa pergunta tenta traçar um perfil epistemológico da professora. Como Saviani (1985) nos alertava, são os preceitos filosóficos que guiam as escolhas das professoras no seu cotidiano profissional, bem como as metodologias que aplicará para o desenvolvimento das várias atividades, a ênfase em atividades interativas, ou em atividades que exijam do aluno uma postura de mero observador.

Por sua vez, declarar uma opção epistemológica é também posicionar-se sobre o seu papel social. Há professores que não se apoderam do processo de construção do conhecimento, assumindo uma postura de reprodutores de ideologias e atividades educativas impostas por intelectuais à coletividade escolar. Há outros professores, no entanto, que transformam suas aulas em verdadeiros laboratórios de aprendizagem, propõem-se a transformar o conhecimento em uma atividade de reflexão sobre o mundo que o cerca, assim, possibilitam aos alunos também o papel de construtores de conhecimentos.

Tendo em vista a centralidade dessa escolha epistemológica para a definição dos trabalhos nas escolas, especialmente no ensino infantil, perguntamos às professoras sobre a concepção de educação que tinham, obtendo as seguintes respostas:

São metas capazes de promover as pessoas e os conhecimentos necessários para que possam desenvolver diversas atividades na vida social. **(Prof 1)**

O mundo do qual fazemos parte e no qual exercemos, talvez, a mais árdua das profissões, que é a de educar, estando em constante desenvolvimento. Atualmente a nossa educação está inovando, buscando novas tecnologias que transformam nosso dia-a-dia e nos tornam dependentes destas inovações. **(Prof 2)**

Percebemos pelas respostas das professoras duas tendências distintas, embora a distinção entre ambas sejam bastante sutis. Enquanto a prof 1 busca

relacionar as aprendizagens conquistadas na escola com a vida social do aluno, a prof 2 volta seu olhar para as dificuldades inerentes ao trabalho do educador. Porém, para ambas a escola apresenta-se como um catalizador de transformações do ser humano, que para a prof 2 tem como elemento impulsionador os métodos pedagógicos.

Realmente, precisamos de conhecimentos para desenvolver melhor nosso papel de educador, vivenciando assim, um mundo com muitas transformações. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998), estudos que são realizados por pesquisadores da área de educação infantil, têm reforçado abordagens educacionais que enfatizam a centralidade da criança nas atividades voltadas para o processo de ensino-aprendizagem. Essa perspectiva educativa imprime um novo ritmo às práticas pedagógicas que buscam colocar as crianças como construtoras de seu próprio conhecimento.

As professoras consideram a contação de história como uma atividade fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança:

A contação de histórias é uma estratégia necessária e importante para o desenvolvimento deste trabalho. Ela irá progressivamente estruturar o pensamento de forma criativa, tornando capaz de criar e compreender os diferentes textos de forma dinâmica. **(Prof 1)**

A contação de história é um incentivo para desenvolvimento da criança, para sua formação cognitiva, afetiva, social e cultural. **(Prof 2)**

A prof 1 observa que a contação de histórias tanto serve como estratégia didática por deixar as aulas dinâmicas, como leva a criança a desenvolver sua criatividade. Para a prof 2, além dos aspectos cognitivos a contação de história é um vínculo para a valorização de relações afetivas e de traços culturais da criança. Ou seja, ambas têm uma percepção positiva sobre a contação de histórias durante as aulas, pelas múltiplas possibilidades de atividades e respostas que ela proporciona.

Essa percepção reafirma o parecer do RCNEI sobre o tema, como percebemos no trecho abaixo,

A sonorização de histórias faz parte de uma didática importante para o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem da criança

durante a educação infantil. Para que isso seja possível, as crianças necessitam trabalhar a percepção auditiva, sabendo discriminar e classificar os sons. O educador juntamente aos alunos definirá as atividades a ser executadas, de forma que as tornem as mais prazerosas possíveis RCNEI (BRASIL, 1998).

O RCNEI, (BRASIL, 1998) não só reafirma a importância da contação de histórias para crianças como metodologia de ensino, como associa essa atividade às experiências de prazer e diversão. Percebemos, portanto, que a leitura e a contação de histórias para criança, permite a potencialização de diferentes capacidades, tornando-a elemento fundante de processo de ensino-aprendizagem.

Como vimos, as professoras partilham dessa concepção. Assim, perguntamos a elas como a contação de histórias é incorporada ao cotidiano escolar, que responderam:

Sim, faço uso da contação de história em meu cotidiano escolar com o objetivo de dinamizar e inovar os momentos de leitura, promovendo aos alunos uma viagem de criação a um universo encantado que envolve muitos personagens, cores e um mundo jamais imaginado e criado. **(Prof 1)**

Sim. Utilizo sempre a roda da leitura, fantoches e dramatização, entre professor e aluno. **(Prof 2)**

A contação de história dramatizada através de materiais manipulativos dá aos alunos o direito de criar e recriar a história contada pelo professor. Quando a prof 2 diz recorrer a teatralização das histórias, remete-nos às orientações contidas no RCNEI (BRASIL, 1998) que estimula o uso de diferentes métodos para a apresentação das histórias, a fim de proporcionar aos alunos a experiência de diferentes emoções e formas de compreensão da realidade e da fantasia. Além desses aspectos é importante observar que o referencial curricular atribui à contação de histórias um papel de significativa importância, uma vez que é através da oralidade que a criança entra em contato com o universo cultural que a cerca, e incorpora ao seu acervo cognitivo símbolos e conceitos que lhe permitirão maior desenvolvimento nas relações comunicacionais. O RCNEI afirma que,

Quanto às práticas de oralidade na educação infantil, o professor pode avaliar se os alunos estão conseguindo desenvolver seu

vocabulário através da incorporação de novas palavras e expressões, após a execução de atividades em sala de aula; e se conseguem distinguir quando o professor está lendo ou falando. Quanto às práticas de leitura, é importante perceber se as crianças pedem por conta própria a realização da leitura pelo professor; se buscam livros de histórias; se observam as ilustrações; se fazem comentários e indagações sobre o que ouviram; se compartilham suas ideias com os demais após a leitura; e se recomendam a seus amigos ouvir a história que foi contada (BRASIL, 1998).

Considerando a importância da oralidade e da contação de histórias, a partir do que expusemos acima, quisemos saber das professoras como são realizados os planejamentos dessas atividades. As professoras responderam, dizendo que,

Primeiro, considero a idade. Em segundo, escolho o paradiático onde as crianças irão folheá-los. Também pego imagens diversas criando um ambiente de aprendizagem e junto aos alunos produzirei uma história coletiva. As histórias infantis também são trabalhadas com os alunos através de vídeo e contos infantis. **(Prof 1)**

Para contar as histórias faço todo o planejamento e escolho a história, usando objetos, cenários, figurinos para que as crianças entrem no mundo mágico da história. **(Prof 2)**

Aqui podemos verificar de forma mais nítida a distinção de abordagens entre as duas professoras. A prof. 1 encontra-se mais próxima do construtivismo, uma vez que partilha com os alunos todo o processo de escolha, criação e contação das histórias. A prof. 2, por sua vez, controla todo o processo de escolha e preparação das aulas. Nessa perspectiva, os alunos aparecem muito mais como espectadores da aula do que como construtores da mesma.

Ambas as professoras enfatizam em seu texto o momento da escolha dos contos. Essa é, de fato, uma tarefa muito importante, pois é através da boa escolha destes contos que o professor analisa os elementos que poderão ser destacados em suas aulas, estimulando diferentes habilidades ou emoções de seus alunos. Convém ressaltar que em geral os contos infantis mais conhecidos não pertencem ao acervo cultural brasileiro, são importados, saídos do ambiente medieval e reproduzidos até os dias de hoje. Para criar um vínculo entre a escola e o universo cultural que envolve os alunos, os professores podem fugir dos tradicionais contos de fadas e

lançar mão de contos do folclore brasileiro e das lendas indígenas. Essa sugestão também aparece no texto do RCNEI (BRASIL, 1998), quando afirma que

As instituições voltadas ao ensino infantil devem aproveitar as histórias que as crianças escutam em casa e nos demais ambientes, pois essas histórias se apresentam como uma vasta fonte de conhecimento sobre as variadas formas culturais de lidar com os sentimentos e com as situações éticas. As crianças participam da leitura feita pelo professor em sala de aula ou em outro ambiente propício, essencialmente nos momentos da história que se repetem, sendo então de fácil memorização. Recontar histórias é uma atividade que pode ser realizada pelas crianças. Estas podem contar histórias que conhecem com o auxílio do educador, refazendo o texto original ao seu modo (BRASIL, 1998).

Contar histórias faz parte da vida social, pais contam histórias para seus filhos, crianças brincam de recontar histórias, dramatizam os personagens, assumindo a cada hora os diferentes papéis. As histórias passam ludicamente valores disputados socialmente e, esse é uma das razões que levam os professores a utilizá-las em suas aulas. Contando histórias os professores acabam por mobilizar diferentes capacidades de seus alunos. Tendo em vista esses aspectos, perguntamos às professoras, com qual frequência elas contam histórias para seus alunos. As respostas foram:

Conto histórias infantis para meus alunos 2 ou 3 vezes por semana, pois trabalho com turma de educação infantil. **(Prof 1)**

Várias vezes por semana sempre procuro levar algo diferente para que as crianças sintam uma curiosidade pela leitura, desenvolvendo e enriquecendo o seu aprendizado. **(Prof 2)**

As professoras não delimitam uma frequência específica para o uso desse recurso didático, assim, varia de acordo com as atividades desenvolvidas ou os interesses mais presentes, a decisão em contar histórias aos alunos. A prof 2 faz uma relação mais visível entre a contação de histórias e a leitura, embora, a alfabetização não seja o principal objetivo das atividades desenvolvidas nas creches. Não podemos deixar de notar, no entanto, que o contato mais direto com os livros estimula as crianças a aprenderem com mais entusiasmo a ler e escrever.

A repetição da leitura de contos para as crianças é muito importante: permite que as crianças revisitem as histórias e revivam as emoções de maneiras diferentes em cada ocasião, acessando novas formas de compreender as histórias e a si

própria; também permite que a criança se aproprie das expressões, da narrativa, do vocabulário, das simbologias, ampliando seu poder de comunicação. Sobre esse aspecto o RCNEI diz que

a roda de conversa é considerada pelos educadores um momento muito importante para o diálogo e interposição de ideias em sala de aula, pois as crianças se permitem ampliar suas capacidades de comunicação, através da fala, das perguntas, das exposições de ideias e pensamentos. Ao mesmo tempo conseguem ampliar seu vocabulário e aprendem a reconhecer o grupo no qual está inserido. Durante a roda de conversa é possível descrever fatos e ações, estimulando uma maior proximidade com os aspectos linguísticos por meio da contação de histórias, do canto, das poesias, parlendas e textos com brincadeiras destinadas a esta fase de aprendizagem (BRASIL, 1998).

A roda de conversa é apenas um exemplo das muitas atividades que podem ser feitas no momento da contação de histórias. Há várias outras práticas que também podem mobilizar a criatividade e estimular a capacidade de expressividade das crianças, como desenhar as histórias prediletas, ou cantar músicas relacionadas às histórias contadas. Todas essas atividades podem ser trabalhadas em diferentes ambientes da escola, buscando compreender o uso dos espaços escolares durante a atividade de contação de histórias, perguntamos onde essas atividades são feitas, ao que as duas professoras responderam que utilizam tanto na sala de aula, como o pátio e o jardim da escola.

Embora as professoras tenham apontado os mesmos ambientes, não ficou claro se elas realizam essa atividade em conjunto, ou se cada professora planeja suas aulas e esses momentos, especificamente, de forma isolada. A Contação de História é um momento de diversão para as crianças, precisa ser lida pelo professor e bem interpretada, assim os alunos criam e recriam suas histórias da maneira que a compreendeu. Esse aspecto lúdico da contação de histórias permite que essa atividade seja realizada em diferentes ambientes.

Assim, trabalhar com crianças da educação infantil requer do educador uma maior atenção às suas falas e ações, pois é através deste meio que a criança consegue transmitir sua forma de pensar e interagir, mesmo que ainda não haja uma sequência lógica para tal. Nesse sentido, é papel do professor auxiliar seus alunos a

externarem as associações presentes em suas falas, estimulando a comunicação, com o intuito de dar continuidade às conversas e interações (BRASIL, 1998).

Para realizar um trabalho que vise o desenvolvimento de todas as potencialidades das crianças, a escolha dos recursos pedagógicos é fundamental, então perguntamos às professoras como elas selecionam o material que usará em suas aulas, obtendo as seguintes respostas,

Seleciono as histórias adequando a idade deles e também considero o meio social das crianças. **(Prof 1)**

Procuro sempre histórias que chamem a atenção dos alunos, para que eles possam se envolver e entrar no mundo imaginário do criar e recriar. **(Prof 2)**

A escolha do repertório é bastante importante, reescrever e interpretar contos considerando os conteúdos presentes na história é primordial para o entendimento das crianças. Porém, oportunizar que os alunos possam recriar as histórias, inventar novos personagens e acontecimentos, é fundamental. Muitas vezes o trabalho do professor é dificultado pela falta de recursos na escola. Para saber sobre essas dificuldades, perguntamos sobre os materiais que a escola oferece para a realização das atividades de contação de histórias, e se os professores acham esses materiais adequados. Recebemos como respostas:

Sim. Paradidáticos, revistas diversas utilizadas para recortes de personagens e também várias livros dos contos infantis no cantinho da leitura. **(Prof 1)**

Sim. Objetos, roupas etc. **(Prof 2)**

A escolha dos materiais é muito importante, pois é através deles que as crianças vão manipular a história lida pelo professor. Segundo Regatieri (2008), o ato de contar histórias é uma estratégia importante ao educador, pois possibilita um contato inicial com os livros de maneira mais suave, por meio do imaginário e do uso da fantasia. O educador é o maior responsável por procurar estratégias narrativas diversificadas, a fim de facilitar a familiarização do aluno com os livros.

A contação de histórias é por si uma atividade coletiva, o professor conta para seus alunos que interagem de diferentes formas tanto com as histórias como com o ambiente e as pessoas que partilham a atividade com ele. Por esse caráter coletivo e interacionista, perguntamos para as professoras, como elas avaliavam a interação da criança durante a contação de histórias, as respostas foram,

Analisar a interação das crianças no momento da contação de histórias é muito importante, pois eles participam de maneira mais ativa e criativa. **(Prof 1)**

Na minha concepção, cada situação é um encontro e nos ensina a valorizar e buscar a cada dia uma educação transformadora. **(Prof 2)**

É interessante para a criança da educação infantil ter o contato inicial com os livros desde cedo. Para que isso seja possível, o educador precisa gostar de ler, contar histórias em sala de aula, desenvolvendo na criança o gosto por essa prática (LOTICI; CASTELA, 2010). Para isso o professor precisa ampliar o repertório literário, favorecer a troca de experiências de leitura, fazer com que os alunos observem características dos contos lidos, ouvidos na leitura do professor e comentados pelos colegas, reescrevendo e interpretando contos, considerando assim, os conteúdos presentes na história.

O professor-educador conta a história, os alunos escutam veem as imagens e, após isso, se permitem recontar a história ouvida, fazendo uso de expressões e palavras ditas pelo professor durante a contação. Desse modo, durante esse processo de aprendizagem, é interessante contar as histórias da mesma forma que estão escritas, atribuindo sucessão lógica à narrativa, permitindo ao mesmo tempo que a criança tenha a ideia de que ler representa uma impressão de significado o texto e compreendê-lo (BRASIL, 1998).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função do professor é mediar o processo de desenvolvimento de criança, ampliar o repertório do aluno com exposição de maior diversidade de gêneros textuais. A dosagem e as exigências serão planejadas considerando que a formação do leitor é um processo de amadurecimento. Quanto antes começar mais sentido fará na vida do aluno.

Cabe aos profissionais de educação infantil desenvolver estratégias para o amadurecimento cognitivo de seus leitores. A motivação é algo que deve ser diuturnamente trabalhada pelos citados profissionais. Através da pesquisa foi possível perceber que a utilização da contação de história no processo de construção de aprendizagem da criança é um fator fundamental, pois além de preservar a memória cultural do indivíduo, ainda compreende, explica e valoriza a criança e todas as suas potencialidades, desde seu desenvolvimento até sua interação com a sociedade.

A contação de histórias está presente na vida das crianças de forma muito intensa, pois está associada a muitas de nossas atividades, sejam na escola, lazer ou mesmo em nossa vida cotidiana. Assim, todos sabem da grande importância que a contação de histórias tem em nossas vidas, temos, portanto, que incentivar a leitura nas escolas e em nossas casas, pois é muito importante possuir o hábito de leitura e voltar-se à literatura.

Contar história é produzir sentido, é estar contextualizado no texto, interpretando-o e atribuindo-lhe algum significado. Portanto, torna-se importante a criação de situações para que o exercício da leitura contada produza reações, interações e construção do conhecimento permitindo-lhes mais autonomia e aprimoramento no contexto em que estão inseridos. Contudo, é no âmbito escolar que a criança passa a ter o contato mais íntimo com o conto literário, sendo o professor o mediador durante esse processo de aprendizagem da contação de história. Daí a importância de seu papel na formação de leitores.

Sabemos que a escola tem um plano a cumprir e dentro dele as atividades de linguagem que devem ser realizadas e avaliadas. Ensinar e transmitir os contos é

aprender com prazer, tirar proveito pessoal da história contada, esbarrando quase sempre na questão do domínio de alunos na sala de aula para acompanhar e avaliar objetivamente o aproveitamento da criança no conto literário. Para Vigotsky a aprendizagem se dá a partir do meio social em que a criança está inserida. E a aprendizagem é influenciada a partir da reciprocidade e quanto mais se aprende, maior será o desenvolvimento.

Diante da análise dos dados, foi percebida a existência e a preocupação das professoras em relação a decodificar o conhecimento e conseqüentemente criar ambientes mais produtivos e equilibrados para o desenvolvimento desta tarefa, que é a contação de história.

REFERÊNCIAS

- ARBOLEYA, V.; BRINGMANN, D. Literatura infantil, contação de histórias e mídia: alternativas metodológicas e prática pedagógica. **1º Simpósio Nacional de Educação, XX Semana da Pedagogia**. UNIOESTE – CASCAVEL-PR, nov. 2008.
- BETTELHEIM, B. *Apsicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CARVALHO, E. A. Resenha da obra História do Estruturalismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, n. 29, 1994.
- LOTICI, S. M. M.; CASTELA, G. S. Versões de “Cinderela”: Leitura na perspectiva interacionista para formação de leitores. **O Professor e os desafios da Escola Pública paranaense**. v. 1. Secretaria de Educação – PR. 2010.
- REGATIERI, L. P. R. Didatismo na contação de histórias. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 30 - 40, 2008.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.
- SEIDEL, E. S. O PROFESSOR, A HISTÓRIA E A CRIANÇA: as aventuras e desventuras entre o Era uma vez e o Foram felizes para sempre. Dissertação apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC, 2007.
- SILVA, B. E., da Silva da; LIMA, D. K. A., de; AFONSO, M. A. V. O CONTAR HISTÓRIAS: A ARTE DE ENCANTAR CRIANÇAS. IV Encontro de Pedagogia, Bananeiras, PB, 2011.
- SILVA, C. V. M.; FRANCISCHINI, R. A brincadeira no discurso do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. **ANAIS do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO**. ISSN 1981-4321, 2007.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
UNIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE PEDAGOGIA**

DADOS PESSOAIS

IDADE: _____
SEXO: _____
NÍVEL DE ESCOLARIDADE: _____
TEMPO DE SERVIÇO: _____
TEMPO NA INSTITUIÇÃO: _____
TRABALHA EM OUTRAS INSTITUIÇÕES: _____
TRABALHA EM QUANTOS TURNOS: _____

QUESTIONÁRIO

1) Qual sua concepção de educação?

R: _____

2) Qual a importância que você atribui à contação de histórias para o desenvolvimento cognitivo da criança?

R: _____

3) Você faz uso da contação de história no seu cotidiano escolar?

R: _____

4) Como você planeja atividades de contação de histórias para seus alunos?

R: _____

5) Com qual frequência você realiza contação de histórias para seus alunos?

R: _____

6) Em quais ambientes da escola você realiza atividades de contação de histórias para seus alunos?

R: _____

7) Como você seleciona as histórias contadas para seus alunos?

R: _____

8) Os materiais disponíveis na escola são adequados para a realização da contação de história? Quais são eles?

R: _____

9) Como você analisa a interação da criança durante a contação de histórias?

R: _____

